

Na ponta dos dedos: propostas arte-educativas multissensoriais para pessoas com deficiência visual

At your fingertips: multisensory art
education proposals for
visually impaired people

Rosely Kumm

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pesquisadora no Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes - Leena/Ufes. E-mail: rosely.kumm@gmail.com. Orcid: 0009-0008-9799-0405.

Iasmim Dala Bernardina Rodrigues

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista CAPES. E-mail: iasmimdb@hotmail.com. Orcid: 0009-0002-8669-0171.

Resumo

Visando ao melhor desenvolvimento e à valorização do ser humano sob diversas perspectivas sociais, esta pesquisa se insere em um contexto de estudo e reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem e inclusão, principalmente no que tange à experiência de indivíduos cegos no processo de apropriação e criação artística. A pesquisa propõe uma abordagem que integra o toque, o tato e outras percepções sensoriais como elementos essenciais na construção do conhecimento artístico, promovendo a autonomia e a expressão criativa dos cegos em um processo inclusivo e transformador. Diante disso, foram desenvolvidas propostas de arte educativas, adaptadas e multissensoriais, para serem experimentadas com o público de usuários da APAE, em especial pessoas com deficiência visual.

Palavras-chaves: Inclusão. Percepção sensorial. Fruição artística. Educação em arte.

Abstract

Aiming at the holistic development and appreciation of human beings from multiple social perspectives, this research is situated within a context of study and reflection on learning and inclusion possibilities, particularly regarding the experiences of blind individuals in the processes of artistic appropriation and creation. The study proposes an approach that integrates touch, tactile engagement, and other sensory perceptions as essential elements in the construction of artistic knowledge, fostering autonomy and creative expression among blind individuals within an inclusive and transformative process. In this context, adapted and multisensory art-education proposals were developed and implemented with users of APAE, with particular emphasis on individuals with visual impairments.

Keywords: Inclusion. Sensory perception. Artistic fruition. Art education.

Artigo recebido em 15.05.2025 e aceito em 15.12.2025.

1. Introdução

A inclusão de pessoas com deficiência, em uma perspectiva de integração plena e de igualdade de oportunidades, constitui um desafio para a sociedade contemporânea. Apesar da ampliação de políticas públicas e ações afirmativas voltadas à garantia dos direitos das pessoas com deficiência, indivíduos com deficiência visual ainda enfrentam inúmeros obstáculos para sua plena inclusão social e cultural. Nesse sentido, para promover práticas inclusivas mais efetivas, é fundamental compreender como a pessoa com deficiência visual se reconhece no mundo, por meio de suas relações objetivas e sensoriais.

A fim de conhecer tais particularidades, é importante destacar que a deficiência visual se divide em dois grupos, segundo a pesquisadora Náira Santos Rocha¹: a cegueira, caracterizada pela ausência total da visão; e a baixa visão, definida pela diminuição do funcionamento visual, podendo variar de leve a profunda. Além disso, a deficiência visual pode ser adquirida ou congênita. No caso da adquirida, o indivíduo perde a visão em algum momento da vida, seja por complicações referentes a uma doença, um acidente ou outras causas. Esse indivíduo, no entanto, possui a vantagem de ter imagens previamente armazenadas na memória, o que contribui para sua adaptação à nova realidade sem enxergar. A imaginação torna-se, nesse processo, uma forte aliada. Já a deficiência congênita refere-se à condição de nascer sem enxergar, sendo que, nesse caso, a percepção de mundo é construída a partir de experiências sensoriais individuais e subjetivas.

Para além dos aspectos clínicos da deficiência visual, é importante considerar as dimensões sociais e culturais que influenciam a forma como esses sujeitos são percebidos e incluídos na sociedade. Isso porque falar sobre deficiência ainda é, inevitavelmente, falar sobre estigmas socialmente construídos, que moldam a forma como o outro é percebido e tratado. Nesse sentido, os pesquisadores Márcia Moraes e Ronald João Jacques Arendt² convidam a uma reflexão crítica sobre a maneira como a deficiência é socialmente percebida e condicionada, com ênfase nos modos pelos quais se constroem estereótipos em torno da cegueira, que frequentemente resultam na marginalização e exclusão de uma pessoa, seja ela real ou simbólica. Segundo os autores, para a pessoa com deficiência visual é imediatamente atribuída a ideia de fracasso por não enxergar e, conseqüentemente, por não se adequar aos padrões estabelecidos. Raramente se considera a possibilidade de que, talvez, os chamados “eficientes” é que fracassaram ao não encontrar alternativas eficazes para integrar a pessoa com deficiência visual ao convívio social. A pesquisa dos autores revela que o

¹ Náira Santos Rocha, *A pessoa cega e suas representações simbólicas*, 2010.

² Márcia Moraes e João Jacques Arendt, “Aqui eu sou cego, lá eu sou vidente: modos de ordenar a eficiência e a deficiência visual”, 2011, p. 110.

corpo considerado “normal” é visto como autossuficiente, desvinculado de quaisquer condições materiais para agir ou se expressar, enquanto o corpo com deficiência é constantemente lembrado de sua suposta insuficiência.

Um exemplo disso pode ser analisado nas práticas artísticas que, historicamente, foram concebidas e organizadas sob uma lógica predominantemente visual, privilegiando apenas um sentido e silenciando outras formas de conhecer, sentir e fruir propostas artísticas. Assim, até recentemente, negou-se à pessoa com deficiência visual compreender e experienciar a arte de forma plena, sensível e significativa, limitando suas possibilidades de expressão e pertencimento nesse campo. Diante desse cenário, torna-se fundamental repensar concepções sobre artes visuais que privilegiam a multiplicidade de formas de perceber, sentir e criar.

Conforme o autor Viktor Lowenfeld³, o indivíduo aprende através dos sentidos. A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona os meios pelos quais se realiza uma interação sensível entre o sujeito e o ambiente. Logo, a experiência de fruição e recepção das artes visuais pode percorrer todo o corpo, respeitando as diferentes maneiras de perceber uma obra pelos sentidos. Embora o autor tenha se concentrado especialmente no processo de aprendizagem da criança, sua pesquisa torna-se relevante para este estudo ao sublinhar a importância do desenvolvimento sensorial no ato criativo. Para o autor, o pensamento, o sentimento e a percepção devem ser igualmente estimulados para que a criança possa explorar e desenvolver todo o seu potencial criador. Lowenfeld defende que a criança cria com base no conhecimento que possui, mas ele também reconhece que o próprio ato de criar pode proporcionar novos *insights* e perspectivas e maior compreensão para suas ações futuras. Ele argumenta que o crescimento mental é impulsionado pelas interações ricas e variadas entre o ser humano e seu ambiente, sendo essa relação fundamental para qualquer experiência artística.

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformular esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora⁴.

Em concordância com o exposto, a pesquisadora Maria Lúcia Wochler Pelaes⁵ aponta que a sensibilidade provocada pelo contato com as artes visuais pode provocar um estado de estesia que desperta o corpo para apreender todas as possíveis significações experienciadas nesse contato, enriquecendo e organizando a percepção

³ Viktor Lowenfeld, *Desenvolvimento da capacidade criadora*, 1997.

⁴ Viktor Lowenfeld, *Desenvolvimento da capacidade criadora*, 1997, p. 13.

⁵ Maria Lúcia Wochler Pelaes, “Reflexões sobre a fenomenologia da percepção e das vivências relacionadas ao grupo de pesquisa ‘Perceber’: um estudo sobre o perceber na arte”, 2021, p. 53.

do indivíduo em relação ao espaço e o tempo. Estudos como o de Maurice Merleau-Ponty também contribuem para refletir sobre a percepção do corpo no mundo e a maneira como ele constrói significados a partir da experiência sensorial. Em *A fenomenologia da percepção*, o autor realiza uma análise profunda da experiência perceptiva, enfatizando a inseparabilidade entre corpo e consciência. Segundo ele:

... dado o mundo objetivo, admite-se que ele confia aos órgãos dos sentidos mensagens que devem então ser conduzidos, depois decifrados, de modo a reproduzir em nós o texto original. Donde, em princípio, uma correspondência pontual e uma conexão constante entre estímulo e a percepção elementar⁶.

Essa perspectiva fenomenológica também foi retomada em pesquisas contemporâneas como a de Elcie F. Masini e as recentes publicações realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa “Perceber”, coordenado pela autora⁷. Destacam-se ainda os estudos de José Alfonso Ballesterio-Álvarez⁸ e Sheila Correia Araújo⁹, que evidenciam a contribuição da fenomenologia de Merleau-Ponty para a compreensão da pessoa com deficiência visual.

Nesse sentido, a percepção sensorial amplia o contato com a obra de arte ao incorporar, além do apelo visual, estímulos táteis, olfativos, sonoros e gustativos. Essa abordagem favorece o desenvolvimento de uma percepção multissensorial, que integra informações provenientes de diferentes sentidos, resultando na formação de uma imagem mental – ou memória sensível – da experiência estética vivenciada. Alinhada com a perspectiva de valorização do ser humano em suas múltiplas dimensões sociais, esta pesquisa insere-se no campo da reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem e inclusão, com ênfase na experiência de pessoas com deficiência visual nos processos artísticos e perceptivos. Para isso, apresenta-se uma experiência realizada em uma unidade da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) com uma pessoa com deficiência visual (identificada aqui como D.A.), na qual foram desenvolvidas propostas de arte-educação voltadas à ampliação da sensibilidade estética e da participação ativa. Os resultados dessa vivência apontam para a relevância de abordagens pedagógicas inclusivas que considerem a diversidade sensorial como um ponto de partida para o envolvimento pleno de todos os sujeitos no universo da arte.

⁶ Maurice Merleau-Ponty, *Fenomenologia da Percepção*, 2006, p. 29.

⁷ Elcie F. Salzano Masini (org.), *Perceber: raiz do conhecimento* - livro 3, 2019.

⁸ José Alfonso Ballesterio-Álvarez, *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*, 2001.

⁹ Sheila Correia Araújo, *O jogo simbólico da criança cega*, 2007.

1.1 Diferentes canais perceptivos para fruição de práticas artísticas

O corpo, ao longo da história da filosofia, desde Platão e Aristóteles, era fonte de erro e ignorância. Na idade média, o corpo resultava em uma concepção pecaminosa que levava aos vícios e, por conseguinte, à perdição da alma. Tais filosofias defendem que a mente/intelecto representa a verdade absoluta, e o corpo é tido como um utensílio, submisso à mente, à razão e ao intelecto. Porém, na virada do século XX, a Fenomenologia das Percepções, analisada aqui especialmente na obra de Maurice Merleau-Ponty, desafia essa dicotomia entre corpo e mente. Segundo o autor, o corpo é consciente e representa uma fonte de conhecimento que se articula com a mente, por meio dos cinco sentidos, em um processo de recepção e interação do sujeito com o mundo.

Para a pesquisadora Elcie Salzano Masini, a contribuição da Fenomenologia de Merleau-Ponty é fundamental para compreender a pessoa com deficiência visual. Em contraste com teorias do desenvolvimento e da aprendizagem que se baseiam na separação entre mente e corpo, a autora defende que o conhecimento emerge do corpo e de suas experiências sensoriais. É o corpo que primeiro se sensibiliza, e essa sensibilidade inicial é importante para o processo de conhecimento, especialmente no contexto da educação de pessoas com deficiência visual. A autora aponta que, historicamente, a educação e a própria concepção de “conhecer” têm sido amplamente vinculadas ao ato de “ver”, uma vez que, na civilização ocidental, a visão é considerada a principal via de acesso ao conhecimento¹⁰. Esse pressuposto visual está arraigado em diversas práticas educacionais e sociais, limitando, assim, a plena valorização de outras formas de percepção e apreensão do mundo.

Nesse sentido, Masini propõe repensar os métodos educacionais e as estruturas cognitivas que fundamentam o conhecimento com base apenas na perspectiva visual, sugerindo ser necessário expandir a concepção de saber para além da visão e reconhecer a multiplicidade de formas pelas quais o ser humano pode conhecer e interagir com o mundo. A pesquisadora Tanya Cecília Bottas e Souza, em seu artigo publicado no livro *Perceber: raiz do conhecimento*¹¹, destaca, em sua experiência na área de formação de educadores, a relevância de discussões sobre temáticas que não apenas se apropriam do domínio dos saberes sobre as deficiências, mas também apoiem uma abordagem reflexiva sobre as práticas pedagógicas adotadas atualmente, abrindo uma nova forma de incluir as diversidades, forma essa que seja sensível às habilidades, à comunicação e ao jeito de pensar de cada estudante.

¹⁰ Elcie Salzano Masini, “O perceber e o relacionar-se do deficiente visual”, 1994, p. 76-77.

¹¹ Tanya Cecília Bottas e Souza, “Um novo olhar sobre o outro: constituição de um caminho formativo para o professor, por meio de uma atitude fenomenológica”, 2019, p. 108.

A Fenomenologia, ao evidenciar o papel do corpo na construção do saber, sugere que as formas de conhecimento podem se expandir além da visão, tendo os sentidos tátil, olfativo, auditivo e sinestésico (movimento) como contribuintes na construção da percepção sensorial¹². No caso da pessoa com deficiência visual, essa perspectiva é ampliada por meio das estratégias corporais para adaptar o corpo ao ambiente, que usam do tato, da audição ou do olfato. Cada sentido lhe oferece um canal distinto para o conhecimento e a apreensão do mundo.

No campo das artes visuais, o autor Alfredo Bosi afirma: “como falar de expressão artística sem atentar para a fenomenologia do corpo? Para a visada do olhar? E para a intensidade do gesto?”¹³ Para Bosi, a arte não pode ser dissociada da experiência corporal, pois é por meio do corpo que o ser humano se relaciona com o mundo. Da mesma forma, o gesto artístico, seja ele na pintura, escultura, dança ou qualquer outra forma de expressão, carrega em si uma intensidade que vai além da técnica, refletindo a emoção, o impulso e a intenção do criador. A arte, portanto, não é apenas um objeto estético, mas uma manifestação viva que envolve todos os sentidos, e o corpo – com sua capacidade de sentir, mover-se e perceber – é o verdadeiro mediador dessa experiência.

A pesquisadora Maria Lúcia Wochler Pelaes, em seu artigo publicado no livro *Vivências*¹⁴, afirma que a experiência perceptiva se relaciona à vivência artística por meio da sensibilidade. Isso acontece porque a arte contemporânea convida o corpo como um todo para a apreciação de uma obra ou exposição, proporcionando uma experiência estética sensorial. O espectador deixa de ser um observador passivo e passa a se envolver corporalmente com a obra, ativando diferentes sentidos e estabelecendo um diálogo sensível com o espaço, os materiais e as atmosferas propostas. Para a autora, esse tipo de experiência amplia as possibilidades de leitura da arte, permitindo que diferentes subjetividades acessem, interpretem e se envolvam com a obra de forma autêntica. Assim, a sensibilidade não se restringe à visão, mas se expande como campo de encontro entre corpo, percepção e expressão artística, tornando-se uma via de inclusão, reconhecendo as diversas formas de existir e sentir o mundo.

Segundo o pesquisador José Alfonso Ballesterio-Álvarez¹⁵, estima-se que a maioria das informações captadas por uma pessoa chega por estímulos visuais, ou é confirmada e reforçada pela visão, quando percebidas por outras vias sensoriais. No entanto, no caso de pessoas com deficiências visuais, a percepção é bem diferente. As

¹² Elcie Salzano Masini, “O perceber e o relacionar-se do deficiente visual”, 1994, p. 85.

¹³ Alfredo Bosi, *Reflexões sobre Arte*, 1988, p. 50.

¹⁴ Maria Lúcia Wochler Pelaes, “Reflexões sobre a fenomenologia da percepção e das vivências relacionadas ao grupo de pesquisa ‘Perceber’: um estudo sobre o perceber na arte”, 2021, p. 55.

¹⁵ José Alfonso Ballesterio-Álvarez, *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*, 2001, p. 36.

informações táteis, auditivas, olfativas e térmicas passam a ocupar maior destaque como referência sensorial para a percepção das informações cotidianas e dos ambientes. É um mundo de texturas, sons, cheiros e temperaturas, onde as informações chegam de maneira ativa ou pelo auxílio de informações verbais. Isso promove o desenvolvimento da percepção multissensorial que integra as informações dos diversos sentidos humanos, formando uma imagem mental da experiência sensível.

Conforme a pesquisa de Ballesterio-Álvarez¹⁶, a pessoa com deficiência visual pode compreender uma imagem não de maneira direta, pois a percepção real do efeito gráfico não lhe é acessível de imediato, mais sim de outras maneiras sensoriais como relevos, texturas, temperaturas e mesmo os sons, já que a percepção auditiva é associada ao som emitido pelos elementos físicos, como o papel, o plástico, ou elementos naturais. Segundo o autor, quando se trata da linguagem artística do desenho direcionada para a pessoa com deficiência visual, a interação tátil (seja por meio de superfícies em relevo ou de materiais que evocam diferentes sensações ao toque) permite que o indivíduo crie uma representação mental do objeto ou da cena. Essa tradução de informações visuais em estímulos táteis pode ser auxiliada por diversos elementos. O uso de texturas diversas, como rugosidades, maciez, texturas ásperas ou lisas, e a possibilidade de associar diferentes características de materiais a conceitos específicos (como o uso de materiais quentes para indicar sol e frios para a água) permitem uma comunicação mais rica e completa, favorecendo a construção de uma experiência perceptiva multissensorial.

A imagem visual depende da luz para ser vista, mas a construção de uma imagem física depende de sua materialidade – o que sugere que o objeto existe por si só, não necessitando do artifício da luz ou da cor para que sua forma e volume existam. Se fecharmos os olhos, o objeto não deixa de existir. Sua imagem visual desaparece, e a imagem material continua a transmitir sua mensagem¹⁷. Essa persistência da matéria, mesmo na ausência da visão, revela a natureza multifacetada da percepção, em que a presença do objeto não se limita à sua representação visual, estendendo-se para outras dimensões sensoriais. A textura, o peso, a temperatura, o formato e o som, gerados pela interação do corpo com o objeto, continuam a possibilitar a apreensão do mundo de forma concreta e tangível. Assim, a realidade do objeto não é unicamente uma construção visual, mas uma experiência sensorial integral que permanece acessível, mesmo quando a visão é ausente ou limitada.

¹⁶ José Alfonso Ballesterio-Álvarez, *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*, 2001, p. 9.

¹⁷ José Alfonso Ballesterio-Álvarez, *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*, 2001, p. 13.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição da pesquisadora Sara Vasconcelos Cruz¹⁸, cujos estudos investigam a percepção sensorial no campo das artes visuais e propõem estratégias multissensoriais de mediação voltadas a museus e espaços expositivos. Suas pesquisas evidenciam que a experiência estética (proporcionada pela fruição e recepção da obra de arte) pode ocorrer por meio de todo o corpo, e não apenas pela visão. Ao incorporar sentidos como o tato, o olfato, a audição e até mesmo o paladar, amplia-se significativamente o contato com a obra, permitindo uma vivência mais rica e acessível. Essa ampliação sensorial enriquece a relação com o objeto artístico, bem como representa um importante gesto de reconhecimento da diversidade, ao valorizar distintas formas de perceber e experienciar a arte, sobretudo no contexto da inclusão de pessoas com deficiência visual.

Diante disso, Amanda Tojal¹⁹ também destaca em sua pesquisa que atividades arte-educativas que se apropriam de práticas e objetos do cotidiano para reforçar aspectos de compreensão e comunicação verbal dos conteúdos apresentados nas obras de arte tornam a mediação em museus mais significativa e bem recebida pela pessoa com deficiência visual, o que contribui para que seja ainda mais gratificante a atuação dos educadores responsáveis por essa programação.

A percepção, nesse sentido, amplia-se para além da visão ao integrar diferentes dimensões sensoriais, possibilitando a construção de uma compreensão mais ampla e integrada do ambiente. Conforme aponta Ballesterio-Álvarez²⁰, grande parte do conhecimento humano é construída a partir de analogias, descrições e referências, permitindo que pessoas videntes compreendam fenômenos e conceitos mesmo sem uma vivência direta. Partindo dessa perspectiva, questiona-se por que indivíduos com deficiência visual não poderiam acessar e compreender a arte pictórica por meios semelhantes, utilizando referências traduzidas para outros sentidos. Dessa forma, por meio da mediação de propostas arte-educativas inclusivas, que privilegiam o toque, a manipulação de materiais e a escuta, a obra de arte pode ser experienciada de maneira corporal e sensorial. A imagem, assim, deixa de ser exclusivamente visual e passa a ser construída por meio de múltiplos sentidos, favorecendo uma relação mais íntima entre o corpo e a arte e possibilitando aos usuários da APAE uma experiência estética verdadeiramente multissensorial.

¹⁸ Sara Cruz Vasconcelos, *Travessia dos sentidos*, 2015, p. 45.

¹⁹ Amanda Tojal, *Museu de arte e público especial*, 1999. p. 39.

²⁰ José Alfonso Ballesterio-Álvarez, *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*, 2001.

2. Na ponta dos dedos: relato de experiências

A APAE foi fundada no Brasil em 1954, inicialmente no Rio de Janeiro, e ao longo do tempo expandiu-se por todo o território nacional²¹. Trata-se de uma entidade de caráter social, cujo objetivo central é oferecer atenção integral às pessoas com deficiência intelectual e múltipla, independentemente da faixa etária ou condição socioeconômica. As APAEs atuam como espaços de apoio que disponibilizam atendimentos nas áreas clínica, social e psicológica, tanto para os usuários quanto para seus familiares. Além disso, promovem práticas educativas e lúdicas que integram atividades sensório-motoras com ações voltadas à expressão pessoal e ao desenvolvimento da autonomia.

Dessa forma, seu campo de atuação se estende para além dos serviços tradicionais de educação, saúde e assistência social, formando uma rede articulada em defesa dos direitos e da inclusão das pessoas com deficiência. Os processos de inclusão social não somente ampliam as oportunidades de participação, mas também criam condições favoráveis para que a pessoa com deficiência possa explorar seu plenamente seu potencial²². Nesse contexto, as artes visuais sempre se mantiveram presentes na APAE, propondo possibilidades de expressão estética por meio de experiências significativas que refletem no contexto sociocultural do indivíduo. Desde as primeiras experiências registradas na década de 1950, a arte ocupa um papel de relevância no Movimento Apaeano, conforme veiculado pela Federação:

[...] na primeira APAE, criada em 1954, no Rio de Janeiro, ao que indicam as informações, eram desenvolvidas atividades artísticas tais como dança, coral, banda rítmica e artes plásticas, voltadas, sobretudo, para as comemorações cívicas ou sociais²³.

As artes visuais criam um espaço de manifestação criativa na APAE e podem oferecer aos usuários oportunidades singulares de interpretar e representar o mundo a partir de suas próprias vivências e percepções. Essa perspectiva reforça o papel da arte como um instrumento de desenvolvimento cognitivo, emocional e social, especialmente no contexto da educação especial.

Para o desenvolvimento deste estudo, uma das autoras deste artigo inserira-se diretamente no ambiente de uma APAE como arte-educadora voluntária e acompanhara as atividades propostas pelos profissionais na Sala de Arte-Terapia da instituição. Esse momento de imersão no ambiente da APAE acolheu uma relação de troca, em que buscamos compreender a recepção e as formas de interpretação das

²¹ Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais, *Quem somos*, s.a., s.p.

²² Federação Nacional das APAEs, *Documento Norteador de Arte – Ações Norteadoras de Arte nas Unidades Educacionais da Rede Apae*, 2018, p. 72.

²³ Federação Nacional das APAEs, *Arte, cultura, educação e trabalho: proposta orientadora das ações*, 2001, p. 16.

sensações – pelo uso de cores, texturas, relevos, sons e cheiros – e do pensamento criativo. Por meio desse direcionamento, observou-se que os usuários se propuseram a participar das atividades artísticas que foram oferecidas, usando como base sua criatividade, seus interesses e habilidades.

A partir de uma postura de arte-educadora/pesquisadora, buscou-se compreender, de maneira sensível e ética, a vivência de uma jovem usuária da APAE com deficiência visual congênita. Destacando-se novamente a pesquisa de Náira Santos Rocha²⁴, sabemos que a criança cega estabelece uma relação diferente com o ambiente e a forma de percebê-lo por meio de uma organização sensorial distinta, na qual a visão não ocupa lugar central. Não se trata de uma ausência a ser compensada, mas sim de uma forma diferente de perceber e experienciar o mundo. Enquanto a criança vidente tem na visão uma via predominante para a construção de suas experiências desde os primeiros momentos de vida, a criança cega mobiliza outros sentidos como o tato, a audição, o olfato e o paladar como meios legítimos de acesso ao conhecimento e ao ambiente ao seu redor. Nesse contexto, Rocha acrescenta a necessidade de oferecer espaços ricos em estímulos multissensoriais e afetivos, que promovam interações sociais significativas e respeitem suas formas próprias de percepção e aprendizagem, contribuindo para seu desenvolvimento pleno e inclusivo.

Voltando ao espaço da APAE com a jovem cega, sentimos a necessidade de ouvi-la e conhecê-la no que é próprio dela (seu agir, sentir, suas experiências e seu pensar) e assim entender como ela conhece, à maneira dela, o que está aí, no seu cotidiano. Nosso objetivo era apreender como ela constrói conhecimento e estabelece relações com o que está à sua volta. A menina, a quem nos referimos apenas pelas iniciais D.A., tem doze anos e nunca enxergou. Trata-se de uma adolescente expansiva e alegre, aluna do ensino fundamental em uma escola municipal, com gosto marcante por música e canto – elementos que se destacam como importantes mediadores em sua expressão e percepção estética.

Essa foi uma oportunidade de adentrar em seu mundo perceptivo, onde predominam as sensibilidades do ouvido, do olfato e, principalmente, do tato. Concomitantemente, incorporamos à prática pedagógica o hábito de descrever verbalmente, com riqueza de detalhes, todo o ambiente ao redor, desde as pessoas presentes até os materiais disponíveis e as atividades propostas. Em vista desse cuidado comunicativo, a pesquisadora integrada também passou a fazer sua audiodescrição com regularidade, e D.A. foi estimulada a fazer o reconhecimento tátil dos objetos, do espaço físico e da própria pesquisadora. Esse gesto revela não apenas um esforço para auxiliar a orientação espacial de D.A., mas também uma forma

²⁴ Náira Santos Rocha, *A pessoa cega e suas representações simbólicas*, 2010, p. 19.

própria de construir sentido e estabelecer vínculos com o entorno, ou seja, o corpo em constante diálogo com o mundo. Assim, cada interação passou a configurar-se como uma experiência estética ampliada para o ambiente, onde a escuta sensível e o toque são veículos de mediação entre a percepção e a criação.

Começamos com a leitura tátil do livro *Nas asas da poesia*, da autora Simone Pedersen²⁵, que possui texto e imagens com impressão visual e em Braille. Ao direcionar as mãos da menina D.A. sobre o livro, aos poucos ela foi decifrando o título e a imagem em relevo da capa. Apesar de o livro ser impresso também para leitura visual, instintivamente o olhar leigo recai sobre o relevo, procurando lógica no labirinto de pontinhos organizados e codificados pelo francês Louis Braille, há mais de um século. Imagens da borboleta (que se encontra na capa e no decorrer da história) foram relacionadas por D.A. com facilidade, porém quando seus dedos perpassam as páginas e encontravam outras ilustrações (como uma versão estilizada dos patos e a lagartixa), ela parou diante do relevo, calada, buscando entender o que significavam aquelas linhas pontilhadas. Quando ela insistia, percorrendo as linhas usando o tato fino, ela perguntava “que forma é essa?”

²⁵ Simone Pedersen, *Nas asas da poesia*, 2013.



Figura 1: Leitura tátil da obra *Nas asas da poesia*, da autora Simone Pedersen.
Fonte: acervo da pesquisa, 2025.

Assim, quando D.A. lia com os dedos o livro *Nas asas da poesia* e encontrava uma representação que ela não reconhecia, a pesquisadora passou a sugerir que recorresse à memória de experiências cotidianas. De alguma maneira, o resgate daquela lembrança ganhou forma através das ilustrações em relevo do livro. Normalmente, quando lhe era proposta alguma prática envolvendo desenho, pintura ou modelagem, D.A. recorria a um processo de narrativa que lhe era muito prazeroso. Como gostava de ouvir, contar histórias e cantar, a leitura tátil dessa obra desencadeou uma série de narrativas com a qual ela imediatamente relacionou seu poema musical preferido. Após a leitura, D.A. recitou espontaneamente o poema: “quem dera eu encontrar um par de asas e sair por aí sem direção. Quem dera eu não precisar usar palavras para explicar o que está em meu coração²⁶”. A partir disso, refletimos juntas sobre o desejo de liberdade que o poema evoca, e sobre a busca por formas mais

²⁶ Canal Jon, “Parte da Azzy em poesia acústica #6”, 2019.

autênticas de expressão, que transcendem a linguagem visual. Na letra, o anseio por “um par de asas” talvez represente uma vontade de se mover livremente pelo seu mundo interior e exterior, sem a necessidade de justificar cada passo. Um impulso para escapar do cotidiano.

É importante destacar que a leitura tátil atravessa caminhos diferentes até ser decodificada pelo cérebro. O reconhecimento tátil não é imediato, conforme sugere Ballestero-Álvarez²⁷, pois é uma leitura sequencial, estritamente temporal, e por isso mais lenta. Conforme o autor, quando enxergamos um objeto qualquer, a imagem pode sugerir simultaneamente noções de tamanho, textura e movimento, entre outras propriedades, sem que seja necessário tocá-lo. A percepção, portanto, expande-se incorporando outras dimensões sensoriais, construindo uma compreensão holística do ambiente. Para pessoas com deficiência visual, essas informações chegam por outros sentidos, como o tato, o som e o cheiro, e pela experiência que se soma a partir de todos esses sentidos. Nesse contexto, é preciso dar tempo para que o leitor tátil possa atribuir significado às imagens em relevo.

Na continuidade da leitura e partilha do poema musical, a pesquisadora propôs a realização de um desenho tátil, usando como linhas/traços o barbante aderido sobre papel adesivo, que, por escolha da própria D.A., representaria a personagem do poema, em sua caminhada pelos bairros periféricos do Rio de Janeiro, até alcançar suas asas e voar. Na prática, seu desenho apresentou uma sequência de traços que ganhavam dimensão, direção e ritmo de acordo com sua narrativa sobre as possíveis vivências da personagem em sua trajetória fictícia.



Figura 2: Coletânea de imagens que registram o processo de desenho tátil realizado por D.A.

Fonte: acervo da pesquisa, 2025.

²⁷ José Alfonso Ballestero-Álvarez, *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*, 2001, p. 57.

Diante dessa prática de mediação por meio do desenho tátil e da partilha de narrativas, foi possível adentrar brevemente o universo perceptivo de D. A., compreendendo como ela constrói sentidos a partir de seus movimentos e interações com o ambiente. A atividade favoreceu a criação de um diálogo significativo, conectando a leitura tátil ao universo sensorial e simbólico da menina, no qual se destacam os sons, a poesia e o canto. Esse diálogo emergiu de forma livre e espontânea ao longo da mediação, o que se revelou extremamente positivo, pois contribuiu para uma maior atenção e engajamento de D. A. nas demais etapas do processo criativo.

Considerações finais

A experiência sensível acontece na relação que o ser humano estabelece com o meio em que vive. No campo das artes visuais, as práticas arte-educativas também se fundamentam nessas relações sensíveis que promovem experiências estéticas que ampliam a percepção e o entendimento do mundo. Conforme a pesquisadora Sheila Correia de Araújo²⁸, por trás do diagnóstico de baixa visão e da cegueira existe uma pessoa que possui os mesmos desejos e necessidades que as demais, e vai buscar alcançar suas necessidades desenvolvendo estratégias e tecnologias de percepção e assimilação do meio em que vive. Independentemente do tipo de cegueira, o indivíduo possui os demais sentidos e passa a ser dependente de outras percepções, como a audição e o tato, que estarão inseridos em qualquer processo de aprendizagem, tornando-se as ferramentas mais importantes da pessoa com deficiência visual.

Conforme destacado na Fenomenologia da Percepção, é com os sentidos que o indivíduo participa diretamente do mundo. Ao considerar o corpo como centro da percepção, tornou-se possível para as pesquisadoras compreenderem melhor como indivíduos com deficiência visual experienciam o desenho, não somente como uma forma estática de representação, mas como uma experiência dinâmica e multissensorial. Para Merleau-Ponty, a arte desempenha um papel crucial na reinterpretação e redescoberta do mundo, permitindo-nos “ver” e “sentir” o espaço de maneira mais profunda e rica.²⁹ Diante disso, torna-se indispensável adaptar as informações visuais a outras vias sensoriais.

Logo, as propostas de mediação até aqui descritas focaram na experiência perceptiva para o contato e a fruição artística, a fim de envolver de maneira mais significativa a experiência da jovem D.A., cuja participação destaca o potencial das artes visuais como experiência sensível e inclusiva. Observamos que o desenho tátil

²⁸ Scheila Correia Araújo, *O jogo simbólico da criança cega*, 2007, p 30.

²⁹ Maurice Merleau-Ponty, *Conversas*, 2004, p. 65-66.

permitiu à jovem D.A. experimentar diferentes materialidades e contextos. Assim, podemos concluir que tais propostas artísticas inseridas no ambiente da APAE evocaram memórias, emoções e diálogos que incentivaram os usuários a perceber o ambiente como meio de expressão e de desenvolvimento cognitivo.

Referências

ARAÚJO, Sheila Correia de. *O jogo simbólico da criança cega*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10544>. Acesso em: 10 maio 2025.

ASSOCIAÇÕES DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE). *Quem somos*, s.a., s.p. Disponível em: <https://apaebrazil.org.br/conteudo/quem-somos>. Acesso em: 10 maio 2025.

APAE, Federação Nacional das. *Documento Norteador de Arte – Ações Norteadoras de Arte nas Unidades Educacionais da Rede Apae*. 2018. Disponível em: <https://media.apaebrazil.org.br/DOCUMENTO-NORTEADOR-ARTE-MIOLO-FINAL-2019.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

BALLESTERO-ÁLVAREZ, José Alfonso. *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-21032005-213811/publico/alfonso1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre Arte*. São Paulo. Ática. 1986.

CANAL JON. Parte da Azzy em poesia acústica #6. YouTube, 10 mar. 2019. 1 Vídeo (1 min e 23 s). Publicado pelo Canal Jon. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BLmhQOa_zVI. Acesso em: 12 maio 2025.

CRUZ, Sara Vasconcelos. *Travessia dos sentidos: estratégias de mediação multissensorial e inclusiva no Sobrado Dr. José Lourenço em Fortaleza*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES. *Arte, cultura, educação e trabalho: proposta orientadora das ações*. Brasília, 2001. Disponível em: https://feapaesp.org.br/material_download/122_arte_cultura_e_educacao%202000%20FENAPAEs.pdf. Acesso em: 10 maio 2025.

LOWENFELD, Viktor. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. A experiência perceptiva, o corpo e a pessoa deficiente visual. *Cadernos de Psicologia*, Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 2, nº1, p. 39-44, 1996. Disponível em:

<https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/10>. Acesso em: 05 maio 2025.

MORAES, Marcia; ARENDT, Ronald João Jacques. Aqui eu sou cego, lá eu sou vidente: modos de ordenar eficiência e deficiência visual. *Caderno CRH*, Centro de Estudos e Pesquisas e Humanidades, Universidade Federal da Bahia. Salvador, v. 24, n. 61, p. 109-120, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/TdwbNWF4fX5hgLppMCd4r8K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

PELAES, Maria Lúcia Wochler. Reflexões sobre a fenomenologia da percepção e das vivências relacionadas ao grupo de pesquisa “Perceber”: um estudo sobre o perceber na arte. In: MASINI, Elcie F. Salzano (org.). *Vivências*. São Paulo: LiberArs, 2021.

ROCHA, Náira dos Santos. *A pessoa cega e suas representações simbólicas*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33114/1/N%C3%81IRA%20SANTOS%20ROCHA.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

SOUZA, Tanya Cecília Bottas de Oliveira e. Um novo olhar sobre o outro: constituição de um caminho formativo para o professor, por meio de uma atitude fenomenológica. In: MASINI, Elcie F. Salzano (org.). *Perceber: raiz do conhecimento* - livro 3. Curitiba: CRV, 2019.

TOJAL, Amanda. *Museu de arte e público especial*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: http://arteinclusao.com.br/wp-content/uploads/2019/01/Dissertacao-mestrado_com_ilustracao.pdf. Acesso em: 10 maio 2025.